

## EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 4º E 5º ANO

Luandson Luis da Silva<sup>1</sup>  
Damião Cavalcante do Nascimento<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as imagens e as representações dos povos indígenas em dois livros didáticos de História utilizados pelos docentes nos anos iniciais do ensino fundamental, mais especificamente 4º, 5º na rede pública. Para tanto, os livros escolhidos integram “História Ligamundo” escrito por Letícia Fagundes de Oliveira e Alexandre Alves. Esta obra foi organizada pela Editora Saraiva, com publicação em 2017 e está voltada para o Ensino Fundamental dos anos iniciais. Dessa forma, partimos do pressuposto que a lei 11.645/2008, obriga as escolas públicas e privadas da educação básica a incluir a história e cultura indígena no currículo escolar. Por isso, questiona-se se os povos indígenas são representados como agentes passivos ou sujeitos sociais ativos da história? Nesse sentido dialogamos com alguns autores que elencam uma abordagem sucinta referente aos indígenas nos livros didático, tais como: Borges (1999); Burke (2004); Cavalheiro e Costa (2012); Chartier (1985); Chagas e Nascimento (2014); Feitosa e Xavier (2010); Grupioni (1996); Guimarães (2008); Mariano (2006); Oliveira (2003); Oliveira (2017); Pinto (1992); Santos (2010); Santiago (2009); Soratto e Nascimento (2020), entre outros. Percebe-se que as representações dos povos indígenas apresentadas nos livros didáticos não foge aos estereótipos, reproduzindo e reforçando a imagem destes como sujeitos passivos, cordiais, entre outros. Afora isso, constata-se que o indígena aparece muitas vezes no passado, sobretudo, no período colonial da história do Brasil e quando aparece na contemporaneidade pouco caracterizam pela luta em defesa de uma vida melhor.

**Palavras-chave:** Livro Didático, Representação, Imagens, Povos Indígenas.

### INTRODUÇÃO

Neste estudo, consideramos a participação dos povos nativos brasileiros como agentes ativos de nossa história, uma vez que eles sempre estiveram lutando, resistindo as condições impostas pelo colonizador e pelo homem branco moderno, por isso escolhemos dois livros didáticos de História, destinados ao ensino fundamental dos anos iniciais, para com isso percebermos quais as abordagens e exposições sobre esses povos nesses materiais didáticos.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as imagens e as representações dos povos indígenas nos livros didáticos de História que são adotados pelos docentes nos anos iniciais do ensino fundamental, mais especificamente do 4º e 5º ano, da rede pública. Para tanto, os livros escolhidos foram “História Ligamundo” escrito por e Letícia Fagundes de Oliveira e Alexandre

---

<sup>1</sup> Doutorando do Curso de Doctorado en Ciencias de la Educación da Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY), professorluandsonluis@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB – Campus III, dammiao.cavalcante@gmail.com



Alves. Esta obra foi organizada pela Editora Saraiva, com publicação em 2017 e utilizado na rede pública de muitos municípios do Brasil.

Em nossa sociedade brasileira muitas práticas culturais são perceptíveis, isso faz com que possamos evidenciar a riqueza cultural existente em nosso país, dessa feita será que as diferentes identidades compõem o livro didático na atualidade? Nos materiais didáticos, atentamos para o seu conteúdo e o que abordam sobre os povos indígenas e sua presença social.

Indiscutivelmente é pertinente percebermos qual o lugar que os povos indígenas nos livros didáticos. Segundo Cavalheiro e Costa (2012); Chagas e Nascimento (2014); Oliveira (2003) e outros, estes povos aparecem em livros similares, entretanto como a coleção que analisamos, são representados geralmente no passado. Desse modo, é difícil constatar uma representação que positive os povos indígenas do Brasil e a sua participação como sujeitos ativos de nossa sociedade e contribuintes para a cultura brasileira contemporânea.

De acordo com a LDB (Lei 9394/1996) em um de seus artigos, estabelece o direito de as populações indígenas serem elencadas em todos os espaços sociais, principalmente na educação como podemos perceber “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.” (BRASIL, 1996).

Não raro, os livros analisados pouco se referem aos conhecimentos que os indígenas possuem na atualidade, quando aparece é no passado, não faz discussão sobre a rica cultura indígena na contemporaneidade, muito menos assinala os setores em que eles estão presentes. A ideia recorrente é a de que sua cultura é frágil, por isso outros olhares precisam ser evidenciados no fazer pedagógico escolar.

A coleção analisada “História Ligamundo”, está voltada para o Ensino Fundamental dos anos iniciais. Dessa forma, tal volume traz os conteúdos de história e cultura indígena, porém em uma perspectiva eurocêntrica, por isso não corresponde ao que determina a lei 11.645/008, obrigando as escolas públicas e privadas da educação básica a incluir a história e cultura indígena no currículo escolar. Todavia, questiona-se se os povos indígenas são representados como agentes passivos ou sujeitos sociais ativos da história nesses manuais?

Nesse sentido dialogamos com alguns autores que elencam abordagem sucinta referente aos indígenas nos livros didático, tais como: Borges (1999); Burke (2004); Cavalheiro e Costa (2012); Chartier (1985); Chagas e Nascimento (2014); Feitosa e Xavier (2010); Grupioni (1996); Guimarães (2008); Mariano (2006); Oliveira (2003); Oliveira (2017); Pinto (1992); Santos (2010); Santiago (2009); Soratto e Nascimento (2020), entre outros. Dessa feita, as

expressões culturais dos povos indígenas precisam ser discutidas, valorizadas e elencadas nos livros didáticos, pois estão presentes em nossa sociedade, no nosso cotidiano.

Percebe-se que as representações dos povos indígenas apresentadas nestes livros didáticos não foge aos estereótipos, reproduzindo e reforçando a imagem dos povos indígenas como sujeitos passivos, cordiais, desprovidos de inteligência, entre outros. Afora isso, constata-se que o indígena aparece muitas vezes no passado, sobretudo, no período colonial da história do Brasil e quando aparece na contemporaneidade pouco caracterizam pela luta em defesa de uma vida melhor. Portanto, o docente precisa estar atento às representações dos povos indígenas nos livros didáticos, para junto com os alunos buscar meios de interpretação no intuito de não reproduzir em sala de aula os estereótipos atrelados aos indígenas e suas histórias no Brasil.

## **METODOLOGIA**

A metodologia que empregamos nesta pesquisa foi a qualitativa, nesse sentido, nos munimos da pesquisa bibliográfica o que nos permitiu entender o cenário que compõe as figuras trazidas nos livros, assim analisamos alguns artigos encontrados no Google Acadêmico, Revista SciELO, e outros acerca da presença indígena nos livros didáticos. Segundo Gil, (2002, p. 44): “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

Embora apresentamos de forma delimitada parte de uma coleção de livros didáticos como objeto de nossa pesquisa, pois utilizamos apenas dois livros, a nossa perspectiva é analisar as considerações que estes fazem acerca dos povos indígenas. Todavia, como critério para escolha desses livros, foi o de que fizessem parte do (PNLD), publicados em 2017 e é importante, pois passaram pela triagem do MEC, como também dos (as) professores (as), com isso, a coleção deve trazer os conteúdos de história e cultura indígena propostos pela Lei 11.645/2008, das exigências do MEC, estando, portanto, no PNLD livros didáticos que contemplem esses conteúdos.

Definida a coleção, livros do 4º e 5º anos. Optamos por esses livros, pois acreditamos que eles fazem menções à história e cultura indígena. Seguimos as seguintes etapas: fizemos a leitura dos livros; identificamos os capítulos ou partes em que as imagens fazem alusões ou tratam da cultura indígena; fizemos leitura das imagens; analisamos os discursos e representações, associamos com as discussões teóricas para identificarmos quais são os avanços e permanências presentes na história e cultura indígena.



## O INDÍGENA, SUJEITO ATIVO NO LIVRO DIDÁTICO?

O ensino sobre os povos indígenas precisa-se de atenção, considerando a profundidade do contexto atual e como a escola pode ser fundamental nesse processo é necessário, por isso pensarmos em nossa história também é necessário, sendo assim, falar dos indígenas apenas na chegada dos europeus não é o suficiente. A visão que se tratava era eurocêntrica, assim uma das questões que podemos colocar é ressignificar a trajetória histórica desses povos, desta feita, abordar as resistências ocorridas no contato com o outro é preciso. Mas como fazer isso na sala de aula? Sabemos que é preciso muito cuidado para não reproduzir uma visão eurocêntrica.

Os livros didáticos tem algumas lacunas e objetos conceituais, por isso não precisamos aceitar tudo o que está posto neles, é preciso ter um olhar crítico, em nossa formação podemos buscar conhecimentos sobre o tema e iniciarmos esse movimento colocando a visão dos explorados em plano central, visto vivemos momentos críticos, pois a todo instante os indígenas são atacados.

Precisamos aprender muito com os povos indígenas, com suas vivências para não criarmos estereótipos. Carecemos respeitar os indígenas, sua sabedoria e cultura. Na perspectiva de Oliveira (2003), os indígenas são expostos em diferentes veículos de comunicação, dentre eles os livros didáticos, estes por sua vez trazem sua carga ideológica, concebendo opiniões, produzindo identidades. Nesse sentido, os discursos são moldados, logo não são inocentes, trazem também práticas discursivas estabelecidas socialmente, atribuindo significados.

Incontestavelmente, os discursos são produzidos, as práticas culturais, as representações, as relações de poder fazem parte desse universo. Dessa forma, as práticas narrativas possibilitam criar características para os sujeitos ou grupos, generalizando, estereotipando, cristalizando discursos, muitas vezes sem levar em consideração os grupos, etnias, suas características culturais, ocorrendo também com os indígenas, segundo Oliveira (2003):

As formas discursivas que tendem a generalizar características, vozes e imagens, traços comuns articulados estrategicamente, criaram e reforçam o estereótipo que é instituído por uma repetida sequência de “certezas”, no qual quem tem sua fala legitimada atribui aos “outros” seus significados de forma segura, estável e inquestionável. O estereótipo não representa, no caso, um índio pré-existente, anterior ao discurso, mas a cristalização de discursos. (OLIVEIRA, 2003, p. 26).

Em sua abordagem, Oliveira (2003), afirma que as identidades são comumente construídas no livro didático, determinando o “sujeito” ou grupo, expondo e forjando uma

imagem desde a chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil. Tais conceitos muitas vezes generalizam os nativos como sendo todos iguais, visto que os reconhece como mais fracos. Esse tipo de representação foi arquitetado para transformar as identidades como verdadeiras e por isso, passaram a estar presente “na mídia, na literatura, nas artes, no currículo escolar e em outros artefatos culturais” (OLIVEIRA, 2003, p. 28).

De certo modo, os indígenas foram inventados de acordo com o olhar europeu, sendo vistos como selvagens, enquanto o branco era o civilizado, contribuindo para classifica e excluir esses povos. Desta forma, no livro didático, muitas vezes os indígenas são comparados com certos animais, com apenas uma cultura específica, desqualificando-os como um ser individual, estereotipando sua imagem e escondendo seus valores identitários, culturais. Na compreensão dessa pesquisadora os nativos ainda são vistos como seres homogêneos, selvagens, guerreiros, banalizando-os através de imagens e fotografias, tornando-os desiguais aos brancos.

Não obstante, a discussão sobre a história dos povos indígenas nos livros didáticos vem de longa data, por isso pretendemos dialogar com pesquisadores não no sentido de esgotamos a discussão, sobretudo, porque com o passar do tempo novas demandas educacionais surgem em nossa sociedade, logo os livros didáticos precisam trazer abordagens diferenciadas acerca da cultura brasileira.

É notório que a Lei 11.645/2008 traz a obrigatoriedade em incluir nas escolas e no currículo escolar os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e indígena. Essa lei, só foi possível graças aos movimentos sociais, principalmente os indígenas, pois a cultura indígena precisa estar presente nos livros didáticos, de acordo com a Lei: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.” (BRASIL, 2008).

Todavia, partimos do pressuposto de que os povos indígenas se estabeleceram em diferentes espaços no decorrer do tempo, contribuindo, produzindo cultura e história. No entanto, a exclusão dos povos indígenas ainda está presente na história do Brasil, pois segundo Santos (2010), “os manuais didáticos se apropriaram da historiografia produzida pelo IHGB, que prosseguiram perpetuando imagens e interpretações sobre os índios brasileiros através de uma postura etnocêntrica, preconceituosa, de negação e ausências de autonomia e ação.” (SANTOS, 2010, p. 3). Percebe-se que imagem dos povos indígenas no livro didático acaba carregada de ideologias.

Para Chartier (1985), a representação está no campo do saber, considera-a uma realidade construída por diferentes grupos sociais, assim as diferentes representações também ocorrem acerca dos povos indígenas no livro didático, gerando “[...] instrumento de um conhecimento



mediado que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é”. (CHARTIER, 1985, p. 20).

Nesse sentido, o livro didático também pode contribuir estereotipando. Acerca dessas questões Cavalheiro e Costa (2012), atentam para como vem sendo abordado a imagem indígena no livro didático, assim colocam:

[...] os equívocos ainda presentes e que se reproduzem nos livros didáticos de História do Brasil, devem-se ao desconhecimento por parte de quem os produz de todo este universo que envolve a questão indígena, ou até mesmo ao grau de importância que lhe é atribuído. A crítica sistemática à produção desses materiais pode constituir-se num importante instrumento de contribuição para compreender esse processo e conseqüentemente pensar esta temática no sentido de promover o respeito à diversidade cultural do Brasil. (CAVALHEIRO; COSTA, 2012, p. 11).

Deste modo, as autoras fazem crítica aos livros didáticos e como se trabalham a temática indígena. No entanto, como afirmam as pesquisadoras, “[...] o livro didático ainda é peça indispensável ao trabalho docente.” (CAVALHEIRO; COSTA, 2012, p. 4). Percebe-se que os livros são repletos do olhar europeu, porém faz parte do fazer pedagógico e é preciso criticar, buscando uma outra visão para as imagens sobre os povos indígenas.

Indubitavelmente, é preciso que os povos indígenas sejam vistos como atuantes em nossa história. Por isso, o docente precisa buscar no ensino a valorização do índio e trazer para a sala de aula seu fazer nos diferentes períodos da história do Brasil. A esse respeito os pesquisadores Feitosa e Xavier (2010) provocam o olhar para as imagens dos povos indígenas no livro didático esses pesquisadores entenderam que a imagem dos povos indígenas vinculada nos livros didáticos muitas vezes não traz a visão do povo indígena, cristalizando os conceitos, estereotipando a sua história, para eles:

[...] a contribuição do índio foi bastante desconsiderada em prol, principalmente, do enaltecimento do colonizador europeu. Grande parte dos autores e obras clássicas de História do Brasil, retratam o índio com desprezo, como um derrotado ou então como alguém que teria se miscigenado cordialmente com o branco, descaracterizando-se para sempre. Essa mentalidade influenciou os livros didáticos escolares, trazendo como conseqüências um conhecimento de História que ignora a trajetória e contemporaneidade do índio. Também obscurece as questões atuais sobre as tribos indígenas, sobretudo no campo dos direitos civis. (FEITOSA; XAVIER, 2010, p. 16).

Os indígenas brasileiros precisam ser visto como parte de nossa sociedade, contribuinte como sujeitos históricos e os livros didáticos precisam evidenciar que eles não estão presos no passado, dessa forma a quebra dos preconceitos e estereótipos sobre os povos indígenas devem ser evidenciados para que os discentes valorizem os seus costumes, suas relações sociais, uma vez que os indígenas estão em todos os espaços e estão sempre buscando melhorias.

Outro pesquisador que achamos relevante nesta discussão referente a imagem dos indígenas no livro didático é Grupioni (1996), este autor faz crítica ao livro e as representações dos indígenas, afirma que os preconceitos e estereótipos são comumente recorrentes, colocando a imagem dos indígenas de forma generalizada. Esse pesquisador chama a atenção para o respeito da cultura, dos costumes indígenas que estão presentes nos livros didáticos e nas escolas, ainda afirma que:

Num primeiro momento da nossa história, que, de acordo com os livros didáticos, começa com a chegada dos europeus, os índios da colônia são cordiais e amigáveis: carregam o pau-brasil em troca de bugangas e miçangas, ajudam os portugueses a construir fortes e casas que dão origem às primeiras povoações e ensinam os brancos a sobreviver e a conhecer a nova terra (GRUPIONI, 1996, p. 431).

Nesse contexto, o olhar para as sociedades indígenas não se deve ficar só nisso, é preciso buscarmos argumentos e advertir a importância dos indígenas, não só nos livros, mas em todos os espaços sociais de nossa sociedade.

Sabe-se que o material didático é um referencial importante, entretanto se prender totalmente a ele não é o único caminho, é um auxílio do professor. Sendo assim, Santiago e Dias (2009, p. 2), apontam para os aspectos do livro didático, visto que o livro didático é resultado “da interação de um conjunto de normas, disposições e determinações culturais”.

No entanto, esses pesquisadores asseguram que o indígena é posto como sujeitos do passado, assim colocam seus conhecimentos como ultrapassados, são estáticos, vivem isolados. Toda via, sabemos que na atualidade os indígenas estão nas cidades, frequentam universidades, possuem os mesmos direitos de qualquer outro cidadão, porém ainda acontece muito de se pensar esses sujeitos no passado, além disso a expropriação e devastação de terras indígenas, do meio ambiente em que eles vivem, está tirando seus direitos conquistados por muitas lutas.

Para Soratto e Nascimento (2020), é necessário a inclusão da cultura indígena nos materiais didáticos e na sala de aula, na opinião desses pesquisadores desconstruir os paradigmas estabelecidos sobre os povos indígenas, reconhecendo como sujeitos históricos ativos e importantes da nação brasileira faz todo sentido, por isso afirmam que:

[...] durante muito tempo, na história do Brasil, os povos indígenas não nos foram apresentados como sujeitos da história e da construção do Brasil. Desde a época da colonização, e nos dias atuais, foram povos marginalizados, subalternizados e inferiorizados na sociedade brasileira, acreditando que seriam extintos, assimilados e integrados à sociedade nacional. (SORATTO; NASCIMENTO, 2020, p. 376).

São necessárias certas mudanças, colocando os indígenas no plano “central”, dando espaço para seu saber, cultura, vivência, entre outros, pois o livro precisa atender a Lei

11.645/2008. É importante que a implementação dos conteúdos contemplem a Lei, isso significa um melhor ensino para os alunos e o reconhecimento desses povos como cidadãos brasileiros.

Outra pesquisadora contribuinte é Pinto (1992), ela atenta para a como vem se trabalhando a educação, chama a atenção para os preconceitos apresentados nas imagens e textos referentes aos indígenas e negros. Acerca do índio até o foco da discussão na:

[...] sua representação deturpada e estereotipada, conseqüentemente a perda de excelente oportunidade de levar o educando, através do conhecimento das nações indígenas, de seus costumes e das suas relações com o mundo dos brancos, via o material didático, a rever posições etnocêntricas e estereotipadas e a se posicionar de maneira mais aberta perante outras culturas (PINTO, 1992, p. 42).

No entendimento desta pesquisadora ainda se evidencia a necessidade de fazer mudanças das imagens dos indígenas nos materiais didáticos, quebrando a força eurocêntrica e adentrando aos espaços sociais dos alunos. Para Burke (2004), as imagens são evidências para o pesquisador, contribuindo com o testemunho de seu tempo. Por isso, as imagens se igualam aos textos escritos, são portanto “testemunhos orais”, levando ao entendimento sobre o passado, assim sendo, este pesquisador atenta para os cuidados ao se trabalhar com imagens, na sua aceção:

[...] As imagens não são nem um reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas ocupam uma variedade de posições entre estes extremos. Elas são testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupo veem o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação. (BURKE, 2004, p. 232).

Na perspectiva de Borges (1999), a educação escolar precisa ser intercultural, coloca que a história e a imagem dos indígenas nos livros didáticos são controversas, o índio é pouco retratado, suas diferenças não são abordadas. Afirmar que é preciso “uma história que realmente represente a visão de mundo de um povo é que poderá ser significativa na construção de sua identidade”. (BORGES, 1999, p. 93). Sendo assim, na história dos povos indígenas também é importante significando a necessidade de outros olhares.

Guimarães (2008), chama atenção para a rica diversidade cultural dos povos indígenas, por isso o ensino da história e cultura devem ocorrer nas escolas, conforme a Lei, afirma que,

[...]os índios constituem uma diversidade de sociedades com histórias, territórios e saberes próprios, consubstanciados em usos, costumes, crenças, línguas e linguagens extremamente ricas e ancoradas em tradições milenares, reconhecidas e asseguradas como direito na Constituição Federal de 1988. (GUIMARÃES, 2008, p. 61- 62).



Desse modo, este pesquisador critica a visão deturpada e cristalizada que a sociedade brasileira criou em relação aos povos indígenas, contribuindo para o crescente preconceito. Assegura a necessidade de as produções didáticas elencarem os saberes indígenas, ou seja, produções que atentem para a presença dos elementos culturais desses povos na constituição do Brasil.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ideia de passividade aparece nas ilustrações recorrentes nos livros analisados, os indígenas aparecem de forma passiva, contudo, percebe-se que os autores da coleção “Ligamundo História” não trazem críticas contundentes as imagens que abordaram em seus livros. Os livros considerados levam o aluno a compreender o “índio” sem as suas vivências atuais, uma vez que as referências enfatizam na maioria das vezes apenas o passado. Os livros “Ligamundo História” são destinados aos anos iniciais do ensino fundamental, composto por dois volumes destinados ao 4º, 5º ano.

Percebe-se que no livro do 4º ano está dividido em nove unidades trazendo representações e, fazendo com que o discente compreenda o indígena como passivo e que aceitou de bom grado a invasão dos europeus. O que percebemos é que os indígenas não se sentem ameaçados com os novos costumes oferecidos pelo desconhecido, as imagens são sugestivas, colocando os nativos como submissos, sem resistência alguma. O indígena nesse livro didático aparece com sua história deturpada, constata-se que nos dois exemplares o nativo é posto em determinados capítulos sem que haja uma narrativa histórica com continuidade. Esse aspecto, acaba reforçando e tornando os povos indígenas como inferiores aos europeus. A ideia recorrente é a de que a cultura indígena é pouco diversificada e complexa.

Nas imagens contém os povos indígenas, mas na perspectiva do atraso, é como se não tivesse progredido com relação aos outros povos, reforçando a ideia de que eles só existissem no Brasil durante o período do contato com o europeu. No livro o 5º ano encontramos mais referências sobre os povos indígenas, também está dividido em nove unidades, este traz dez imagens bem alusivas. Os “índios” receberam os portugueses sem resistência. Esse tipo de representação ensina que quando contato entre os povos ocorreu sem nenhuma resistência.

As representações dos povos indígenas no livro didático perpassam por questões dignas de nossa atenção, dessa feita, sabemos que o livro analisado foi escrito na perspectiva de responder as demandas da lei 11.645/008, ou seja, a inclusão no currículo escolar os conteúdos de história e cultura indígena, assim passível de crítica, especialmente, pelo fato desses povos

estarem representados nesses materiais didáticos. Dentre as imagens analisadas os indígenas pouco reivindicam os seus direitos, pouca referência se faz nesse material a respeito dos indígenas na contemporaneidade.

Percebe-se que tais povos estão representados, mas é preciso que os estudantes e professores se esforcem a partir de tal livro para compreender os povos indígenas e suas culturas. O livro didático analisado coloca os povos indígenas em sua maioria no passado. Todavia, presenciamos nas imagens algumas alusões dos povos indígenas na contemporaneidade, porém estes são desprovidos de cientificidade. Aparecem com sua história deturpada, diferente do que ocorre com o homem branco, a ideia mais recorrente nesses livros é a de que o indígena brasileiro é tudo igual, sua cultura, religião, sem mostrar a sua diversificada e complexa vivência desses povos.

A compreensão do índio intelectual, que acessa a universidade, usa celular, contribui com as transformações sociais não está contemplada no livro em apreço, visto que a imagem colocada é de que são todos iguais. Para Chagas e Nascimento (2014, p. 157): “A discussão acerca da representação dos povos indígenas no livro didático é uma questão contemporânea, todavia a representação desses povos e sua cultura no livro didático não.”

Nesse contexto, como apontam os pesquisadores, ainda é abordado nos livros a perspectiva eurocêntrica de história, muitas vezes silenciando ou ignorando os povos nativos antes do contato com os europeus.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreendemos que a representação dos povos indígenas no livro didático vem sendo debatida significativamente nos diferentes espaços das ciências humanas, em meio a estas podemos destacar: pedagogia, história, letras, geografia e antropologia. Essa discussão é relevante, contribuindo com a equidade social, étnica, racial no Brasil.

Na análise das representações dos povos indígenas no livro didático “Ligamundo História”, destacamos alguns aspectos que consideramos relevantes e contribuintes com as práticas pedagógicas, especialmente na perspectiva de tornar a escola inclusiva, respeitando história e cultura indígena.

No geral percebe-se que os aspectos dos povos indígenas oferecem algumas características, tais como o caráter de os povos indígenas aparecerem em sua maioria no tempo passado. Dar-se a entender que os indígenas não acompanharam os avanços da sociedade a exemplo as tecnologias, pois aparecem na contemporaneidade usando o arco e a flecha, as



ilustrações são elencadas em desenhos, é possível observar a diversidade étnica, porém é como se os nativos não tivessem avançado e acompanhado a evolução histórica.

Portanto, constatou-se que os livros didáticos ainda não mantêm de maneira prática o caráter da Lei 11.645/2008, de forma plena, isso faz com que os indígenas não surjam como agentes ativos da nossa História. No entanto, o livro didático ainda é o principal instrumento que os professores utilizam para ministrar as aulas o que é preciso e necessário a compreensão do docente para analisar as ilustrações que aparecem no livro.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Paulo Humberto Porto. Uma visão indígena da História. In: **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 49, Dezembro, 1999. Disponível em: Doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000200008>. Acesso em: 3 fev. 2022.

BRASIL. **Lei n. 11.645**, de 10 mar. 2008. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura afro-brasileira e indígena. Diário Oficial da União, Brasília, 11 mar. 2008.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 23 dez 2021.

BRASIL. MEC. Olhares que fazem a “diferença”: o índio em livros didáticos e outros artefatos culturais. OLIVEIRA, Teresinha Silva de. **Educação como exercício de diversidade** – Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2005, p, 431 – 447.

BURKE, Peter. “**Testemunha ocular: história e imagem**”. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. – Bauru SP: EDUSC, 2004.

CAVALHEIRO, Rosa Maria; COSTA, Flamarion Laba da. **A temática indígena no livro didático**. 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/730-4.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2022.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

CHAGAS, Waldeci Ferreira; NASCIMENTO, Damião Cavalcante do. A representação dos povos indígenas no livro didático de história. **XVI Encontro Estadual de História**, v. 16, n. 1, 2014, p. 156 - 168. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/anpuhpb/XVI/paper/view/2456>. Acesso em: 8 fev. 2022.

FEITOSA, Amanda Araújo Pombo; XAVIER, Marcio Câmara. A História indígena nos livros didáticos do Ensino Fundamental I e na Aldeia Guarani Tekoá-Ytu em São Paulo. In: **REGS:**



revista da Faculdade Eça de Queiroz, ISSN 2179-9636, Ano 1, nº 1, 2010. Disponível em: [http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/uploads/20170427132355.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/uploads/20170427132355.pdf). Acesso em: 07 fev. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. 4 ed. Atlas, 2002.

GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi. Imagens contraditórias e fragmentadas: sobre o lugar dos Índios nos livros didáticos. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, V. 77, n. 186, p. 409-437, 1996.

GUIMARÃES, Francisco Alfredo Morais. A temática indígena na escola: onde está o espelho? In. **Revista fórum de identidades**. Ano 2, Volume 3, p. 57-65. 2008.

MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. **A representação sobre os índios nos livros didáticos de História do Brasil**. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB: 2006.

OLIVEIRA, Teresinha Silva de. Olhares que fazem a “diferença”: O índio em livros didáticos e outros artefatos culturais. In: **Revista Brasileira de Educação**, MG, p. 25-34, 2003. Disponível em: <https://bibliasp.org/wp-content/uploads/2014/05/10br.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2022.

OLIVEIRA, Letícia Fagundes de; ALVES, Alexandre. **Ligamundo história**, 4º ano: ensino fundamental, anos iniciais. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

OLIVEIRA, Letícia Fagundes de; ALVES, Alexandre. **Ligamundo história**, 5º ano: ensino fundamental, anos iniciais. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

PINTO, Regina Pahin. Raça e educação: uma articulação incipiente. In: **Caderno de pesquisa**. São Paulo, n 80, p, 41-50, fev. 1992.

SANTOS, Kleber Rodrigues. **Ilustrações nos livros didáticos**: representações dos indígenas nos manuais de história do Brasil, 2010.

SANTIAGO, Leila Adriana da Silva, DIAS, Maria de Fátima Sabino. A questão indígena na cultura escolar no Brasil. In: **Revista Litteres**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 01-14, 2009.

SORATTO, Marinês; NASCIMENTO, Adir Casaro. Implementação da Lei 11.645. In: **Revista Teias**, v. 21, n. 63, p. 369-382, 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2020.51198>. Acesso em: 08 fev. 2022.